
APRESENTAÇÃO

A arte, mais do que um tema, tem-se tornado um objeto privilegiado para a antropologia contemporânea. O número de autores e livros que propõem um investimento maior nessa área é bastante significativo. Todos foram, inclusive, específicos e diretos em propor uma abordagem antropológica que não diferencie sociedades indígenas e a moderna sociedade industrial urbana. Na produção recente, um marco importante é *Olhar, Escutar, Ler*, livro que Lévi-Strauss inicia refletindo sobre quadros de Poussin, pintor acadêmico francês do século XVII, com os mesmos recursos que utilizou para analisar mitos de grupos indígenas contemporâneos. A verdade, no entanto, é que essa perspectiva de trabalho, por mais madura que esteja, tem dificuldades em se desprender da árvore que a gerou, em ganhar autonomia e vida própria. Uma evidência disso é a dificuldade de encontrar livros ou fóruns em congressos que discutam aberta e indiscriminadamente um artista, uma obra ou grupo; por exemplo, um artista como Duchamp e um “concerto” de ravé guarani (e como bem nos alerta a crítica ao etnocentrismo, não necessariamente há mais proximidade entre grupos indígenas do que entre um grupo específico e nossa sociedade ocidental). Não estamos desconsiderando a necessidade de unidade nas discussões, mas encampando a proposta de novos recortes. Suspeita-se que a dificuldade de estabelecê-los, no caso da arte, se deva a várias razões. Primeiro, porque certas áreas de pesquisa que se consolidaram há mais tempo ou mais rapidamente, como as de *performance* e patrimônio, tendem a absorver a demanda da antropologia da arte, o que não é, obviamente, um erro. Segundo, porque, comparado a outros termos que se referem a conteúdos mais precisos dos diversos domínios da vida social, o sentido incluído na categoria “arte” tem-se tornado um pouco mais controverso, na medida em que o termo “objeto de arte” ou “arte pela arte”, para definir alguma coisa feita puramente como objeto estético, é reconhecidamente uma expressão conferida pela civilização ocidental, colocando em questão a validade heurística universal do termo. Poder-se-ia chamar os objetos produzidos por um grupo indígena de “arte”? Seria melhor a palavra “estética”? Poder-se-ia incluir na categoria “arte” o artesanato ou a produção altamente comercial da indústria cultural? Em terceiro lugar, porque uma historiografia contemporânea relativa à “arte” e à “estética” vem incorporando e aplicando com muita competência o conhecimento antropológico, pro-

duzindo estudos que estão muito próximos do que se poderia qualificar de uma antropologia da arte. A grande referência, nesse sentido, é, sem dúvida, Michael Baxandall, que Geertz aponta, em seu ensaio seminal, *Arte como Sistema Cultural*, como um excelente exemplo de uma etnografia da obra de arte. O quadro, portanto, é de uma vaga aberta, não plenamente ocupada.

Este número de *Horizontes Antropológicos* tem, entre seus principais objetivos, a intenção de recolocar a proposição de uma antropologia da arte em termos mais abertos, de somar voz à sugestão da aplicação da perspectiva antropológica a novos objetos, de avançar além dos limites de temas estabelecidos interna e externamente às áreas do conhecimento.

Nesse sentido, o número e a qualidade dos originais recebidos nos causaram uma grande satisfação. Não pudemos incorporar todos e esperamos que este número seja um capítulo a mais no processo de consolidação da antropologia da arte, em que certamente encontraremos, no centro do debate, os que se envolveram nessa edição, estando seus artigos aqui publicados ou não.

Patrícia Reinheimer abre a revista com um artigo que toca numa questão muito sensível em relação à arte, o seu conteúdo ideológico. Mais especificamente, aborda um período decisivo, entre 1945 e 1960, durante o qual as questões da nacionalidade, da autenticidade e da singularidade estavam inter-relacionadas sob a influência de órgãos como a Unesco, do conflito envolvendo os partidos comunistas, da discussão sobre o tipo nacional. Nem por isso, a arte é instrumento de algo, ou determinada por uma agência que a engloba; ela acontece entre fluxos mais amplos de correntes artísticas e interesses diversos e localizados.

Carlo Severi tem injetado novo sangue à antropologia da arte ao propor a recuperação da tradição aberta por Aby Warburg, sobretudo em seus primeiros textos, a partir da qual ele desenvolveu uma nova articulação entre imagem e memória. Esse texto evidencia, na prática, o alcance dessas colocações e o quanto elas podem revelar sobre as dinâmicas sociais, contrariando uma visão conservadora de que conflitos não estariam presentes num mesmo material iconográfico.

O texto de José Reginaldo dos Santos e Marcia Contins coloca-nos questões acerca da aplicação do termo “estética”, não da palavra propriamente dita, mas da consideração ou não dessa dimensão, da sua aplicação prática, dos espaços onde é identificada ou não e do seu porquê. Para tal, discorrem sobre a festa do Divino e sobre as agências do que pauta a existência da arte nessa festividade, a tensão entre o humano e o transcendente.

Leila Amaral observa como a dúvida moderna em relação à estrutura metafísica absoluta do real ativa a experiência artística mais recente, em aliança com as novas tecnologias, a uma imaginação do espiritual fora do campo religioso estrito senso. Destaca a redução do espiritual a uma experiência de comunicabilidade ampliada, quando a obra, por meio de ciberinstalações interativas, apresenta a desestabilização de mundos fixos, apelando para noções de interatividade e conectividade como alternativas para a construção e desconstrução de sentidos.

O texto de Bruno Latour é uma tradução de sua introdução ao catálogo da exposição *Iconoclash. Beyond the Image Wars in Science, Religion and Art* de 2002, realizada no Center for New Art and Media, em Karlsruhe, Alemanha, cuja curadoria juntou três ambientes, os da religião, da ciência e da arte contemporânea, em que as imagens vêm se apresentando como “armas culturais” por meio de uma luta ambígua que tanto produz como destrói imagens, ícones e emblemas. *Iconoclash* foi o termo escolhido para definir a temática dessa exposição e nortear a reflexão de Latour sobre o ódio e o fanatismo, nos diversos âmbitos da vida cultural social e política.

Regina Coeli Machado e Silva aventura-se por campos bem pouco explorados, mas cuja conexão é umbilical: o imaginário relativo à biotecnologia e à literatura. Entendidos dentro de uma perspectiva antropológica, ela explora o imaginário relativo ao corpo, ao natural, à vida e ao artificial, através dos escritos literários de Marcelo Mirisola – uma mistura grotesca que remete a uma estética do mal e do horror – que ganham inteligibilidade, nesse artigo, por contraporem-se simetricamente aos significados de natureza humana nas recentes experiências realizadas no campo da biotecnologia.

Pedro Peixoto Ferreira, numa tentativa de apreender o valor estético da música eletrônica de pista, apresenta-nos quais as características que se mostram fundamentais para a sua compreensão. Sua perspectiva, na melhor herança antropológica, é a de buscar o valor estético da MEP na própria maneira como ela se realiza nas pistas de dança, através de uma relação específica que se estabelece entre DJs e seu público, mediada pelas inovações e experimentações tecnológicas para “tornar perceptível uma realidade comum ao som e ao movimento” e provocar a diversão como uma experiência de transe.

Els Lagrou compara o interesse dos surrealistas, nas primeiras décadas do século XX, e os objetivos do projeto de implantação do Musée Branly, na França contemporânea, para indagar sobre a percepção do lugar do “Outro” no Ocidente, através de seus objetos. Observa que, sem uma análise em que

fiquem realçadas as diferentes características cognitivas desses objetos, os encontros, supostamente dialógicos, entre a arte ocidental e a de culturas de povos distantes, mascaram a intenção dos agentes ocidentais de ver, nesses objetos, mais uma imagem de si mesmo do que a dos povos que os produziram.

Paulo Menezes nos convida a percorrer um filme de 1932, *Ao Redor do Brasil*, do major Reis, mais conhecido como o cinegrafista do marechal Rondon. A canoa na qual o artigo nos embarca, no entanto, passeia também pelas águas da produção intelectual e artística da época, pelas produções plásticas e pelas questões políticas em pauta, sobretudo, a da fundação da nação e do Estado moderno, num emaranhar cujo destino é o próprio filme, isto é, o deslindar do seu discurso imagético.

Lígia Dabul torna estranho o que parece óbvio ao explorar uma pergunta essencial quando tratamos da arte em termos antropológicos: o que uma pessoa vai fazer quando entra numa exposição de obras de arte? A resposta é surpreendente. Obviamente não é definitiva, mas nos coloca longe das suposições decorrentes do estudo da estética ou da caracterização do que é arte no mundo moderno. Ela procura o visitante e parte do seu olhar.

Ilana Goldstein explora os novos lugares da “arte primitiva” no Ocidente, através de um estudo sobre o Musée Branly, na França. Incorporando a bibliografia já existente sobre o tema, como Sally Price ou James Clifford, a autora vai às nuances das transformações sociais e às novas configurações envolvendo as artes agora associadas ao termo “primeiras”. A riqueza do texto está justamente em não partir da exposição, mas das dicotomias presentes na sua confecção, entre o artefato e a estética, entre o testemunho etnográfico e a obra de arte.

Caleb Faria Alves analisa a obra de um dos mais influentes antropólogos contemporâneos ligados à antropologia da arte: Alfred Gell. Seguindo sugestão de um artigo crítico de Robert Layton, o autor analisa, sobretudo, certas imprecisões conceituais de Gell, com vistas a depreender o conceito de arte presente em sua obra, sobretudo no que tange à arte ocidental (denominação do Gell) e apontar novas possibilidades de articulação com outras áreas e dentro da própria antropologia para a constituição de uma antropologia da arte.

O *Espaço Aberto* deste número contém uma entrevista com Nelson Graburn, um pioneiro na área da antropologia do turismo, e David Lehmann, professor de Cambridge. A entrevista com Graburn tem um duplo interesse para a antropologia, em primeiro lugar pelo seu inegável papel como desbravador de áreas inéditas de pesquisa, em segundo pela sua própria trajetória, pelo

que ele revela sobre o império britânico ao relembrar sua infância na Malaia, por exemplo, entre outros episódios curiosos. Lehmann, em seu artigo, não apenas discorre sobre a obra de Gilberto Freyre, mas, a partir dela, sobre a intelectualidade brasileira, sobre suas leituras e posicionamentos a partir dessa obra, refletindo, assim, sobre o próprio o pensamento social brasileiro.

A escolha da tela *As Meninas*, pintada em 1656 pelo espanhol Diego Velázquez (1599-1660), para ilustrar a capa, deveu-se a serem muitos os autores das ciências sociais a comentarem essa pintura, dentre os quais gostaríamos de destacar Michel Foucault, que em seu livro *As Palavras e as Coisas* exemplifica a riqueza e a importância do diálogo entre as artes e produção científica. A imagem, ali, não é ilustrativa, nem propriamente analisada. Ela é um recurso ao mesmo tempo revelador e explicativo do que Foucault quer dizer, da sua idéia central de uma representação da representação.

Caleb Faria Alves
Leila Amaral